

A MEDEIA DE NELSON: DESAMPARO FREUDIANO EM *ÁLBUM DE FAMÍLIA* DE NELSON RODRIGUES

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i38p103-117>

José Luiz Tavares
Elizabeth Cardoso

RESUMO

Neste artigo propomos a *Hilflosigkeit* freudiana como a principal condutora dos recursos estéticos em *Álbum de família*, de Nelson Rodrigues. Revisitamos este conceito e sua perspectiva metapsicológica para pensarmos o percurso de sofrimento da protagonista Senhorinha nessa obra. Neste caminho encontramos Medeia. Ambas atuaram, em gesto, o que na linguagem se fez ausência.

PALAVRAS-CHAVE: Nelson Rodrigues; Freud; *Álbum de família*; Desamparo; *Hilflosigkeit*.

ABSTRACT

*In this article we propose that freudian *Hilflosigkeit* is the main driver of aesthetic resources in Nelson Rodrigues' *Álbum de família*. We reviewed this concept and its metapsychological perspective to think about the suffering path followed by Senhorinha, the protagonist at this play. In this route we met Medea. Both acted, in gesture, what was made absent in language.*

KEYWORDS: Nelson Rodrigues; Freud; *Álbum de família*; Helplessness; *Hilflosigkeit*.

De onde partimos?

A experiência da interdisciplinaridade implica buscar pontos de convergência entre os saberes envolvidos. No que tange à literatura, as áreas possíveis de intersecção são diversas como história, sociologia, filosofia, linguística e, também, a psicanálise. O que se propõe é que haja a possibilidade de tecer um equilíbrio entre o *corpus* em investigação e o outro saber, almejando férteis confluências que ofereçam olhares ainda mais amplos sobre a matéria em estudo, como propõe Passos (1995, p. 15) em *Confluências: crítica literária e psicanálise*. Na aproximação entre literatura e psicanálise, esta ocupa um lugar indireto e valioso. Indireto por se tratar de um outro saber, com teoria e prática próprias e valioso por prover algo especial ao lançar luz sobre determinados aspectos que não seriam acentuados por outras formas de abordagem. Entretanto, ainda que a psicanálise possa ocupar este lugar no literário, não deve deslocá-lo para uma cena secundária, diz Passos. Há, ainda, riscos importantes a evitar na leitura crítica de uma obra: a psicobiografia que, propondo paralelos entre a atividade literária, biografia e motivações inconscientes, poderia traçar trilhas redutoras e a psicocrítica, ao atribuir importância excessiva do biográfico no literário em vez de considerá-lo como apenas um dos elementos de leitura da obra (PASSOS, 1995, p. 17-8).

A fortuna crítica de *Álbum de família*, de Nelson Rodrigues, aborda de modo exaustivo as questões da violência nos vínculos estabelecidos pelos personagens,

os assassinatos, a sexualidade transgressora e, em especial, os incestos considerados excessivos por grande parte da crítica teatral na época de seu lançamento. Entretanto, a escritura de grandes obras não se restringe à transmissão de uma mensagem de sentido único e evidente, como também ocorre na psicanálise, tanto na construção desse saber como em sua prática clínica. Recorremos então a Jean Bellemin-Noël quando indaga: “O que é que eu leio quando leio? [...] lemos primeiro a nós mesmos” (NOËL, 1983, p. 34). Nossa perspectiva aqui é prover um outro olhar que denuncia o que em nós mesmos foi mobilizado na leitura desse *Álbum*. Respondendo à pergunta inicial, não partimos de um conceito psicanalítico a ser buscado na obra em análise. Partimos da leitura da obra. Ficamos inquietos quando a leitura nos remeteu, como uma associação livre, à experiência da *Hilflosigkeit* freudiana no que tange ao percurso feito pela protagonista Senhorinha e desenvolvemos essa escrita.

A morte do amor é mais violenta que a morte pessoal

O estado de desamparo inicial dos seres humanos é um tema presente na obra de Freud desde o início. No texto *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, Freud (1975) aborda a insuficiência psicomotora do recém-nascido que, em estado de desamparo, requer a presença de um outro para saciar sua fome e garantir sua sobrevivência. Nem os gritos, tampouco o choro, produzem alívio se o estímulo endógeno persiste, mantendo a tensão em níveis altos. Assim, a excitação só logra ser aliviada por meio de uma intervenção do mundo externo advinda da presença de um outro que, por uma ação específica, reduz a tensão inerente ao estado de insuficiência deste que acabou de nascer. Quando a pessoa prestativa realiza a ação específica para o desamparado, este obtém — por mecanismos reflexos — o alívio do estímulo endógeno. Freud refere-se aqui à experiência de satisfação que instaura uma dinâmica revivida ao longo da existência em momentos de desamparo quando a necessidade de ser amado se faz ouvir.

Há diversas fraturas em *Álbum de família*. Porém, folheando suas páginas, fomos atravessados pelo desamparo freudiano revivido por Senhorinha. Essa é nossa contribuição para a fortuna crítica desta obra. Além disso, ao percorrermos o caminho pobre de afetos trilhados por Senhorinha, encontramos Medeia. Ambas

amargaram a exclusão do espaço amoroso e reviveram o desamparo primevo. Suas aflições foram maiores do que os recursos para lidar com a dor. O grito de ambas não foi ouvido. Por esta razão a escrita aqui elaborada foi intitulada “A Medeia de Nelson”. Em suas memórias, Nelson diz: “A morte do amor é pior que a morte pessoal” (RODRIGUES, 2017, p. 191). É sobre esse desamparo que aqui nos debruçamos.

Angústia, recalque e desamparo

No período em que Freud estava envolvido com o *Projeto*, ele também estava considerando a questão da angústia. Em 1894, ele publica “Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia” (1996). Nesse texto lemos que, em muitos casos, a angústia decorre do acúmulo de excitação de origem somática, sexual, pelo emprego anormal dessa excitação. Como exemplos, ele menciona situações de abstinência sexual intencional nas quais a excitação somática se acumula e situações nas quais a excitação não é adequadamente consumada. Tais disfunções determinariam um acúmulo de excitação sem a devida descarga nem elaboração psíquica e a energia sexual não utilizada seria transformada em angústia.

Após alguns anos, Freud passa a examinar a angústia sob um outro referencial no qual estímulos psíquicos não elaborados representariam o perigo, como uma ameaça interna. Trata-se do perigo pulsional do qual não há possibilidade de fuga. Para defender-se, o sujeito recorreria ao recalque gerando a angústia. Estrutura-se assim a primeira teoria da angústia apresentada em “A angústia”, datado de 1917. Nesse estado de angústia há descargas, percepções de ações motoras, sensações de prazer e desprazer. O que se passa aqui é a repetição de determinadas vivências ricas em significado, articuladas com o ato do nascimento em cujo cerne está a separação mãe-bebê (FREUD, 2014a).

Em 1926, Freud (2014e) publica “Inibição, sintoma e angústia” e discorre sobre os estados afetivos que se incorporaram à psique como precipitados de vivências traumáticas antiquíssimas despertadas como símbolos mnêmicos quando situações análogas ocorrem. No texto, lemos que o ato do nascimento é a primeira vivência individual de angústia do ser humano, porém não parece ser

plausível que a cada irrupção de angústia ocorreria na psique algo equivalente à reprodução da situação do nascimento. Freud revisita então os casos do Pequeno Hans e do Homem dos Lobos nos quais o medo da castração é central e considera que a angústia, em ambos os casos clínicos, se articulava com esse medo. Trata-se de uma angústia diante do perigo, conduzindo ao recalque.

Pouco se sabe a respeito da psique do recém-nascido e, embora seja possível dizer que ao longo da vida repetimos o afeto de angústia nas situações que evocam o evento do nascimento, cabe pensar sobre o que o faz recordar e o que se recorda. Para Freud (2014b), apenas alguns casos de angústia na infância são compreensíveis: quando a criança está sozinha na escuridão ou quando se depara com uma pessoa desconhecida no lugar da que lhe é familiar, a mãe. Nesses casos, o elemento comum é a falta da pessoa amada pela qual a criança anseia. A imagem mnemônica dessa pessoa é então investida. No início, isso se dá de forma alucinatória. Como não se produz resultado, é como se o anseio se transformasse em angústia, como uma reação à falta do objeto. Trata-se de uma insatisfação levando ao aumento da tensão pela necessidade diante da qual o bebê é impotente. A falta da mãe torna-se o perigo produzindo no bebê o sinal de angústia, produto do seu desamparo psíquico que é a contrapartida do desamparo biológico. Nessas condições, o recalque seria um dos mecanismos do Eu para se defender da angústia original pela separação mãe-filho. Seria a angústia que desencadearia o recalque e, não, o contrário. Trata-se da segunda teoria da angústia. É essa angústia originária que constitui o sofrimento e vai se articular com o perigo da castração. Para Freud, pelo fato de a angústia ter decorrido da separação da mãe, nenhum indivíduo escapa dessa experiência. O desamparo é a causa fundamental da angústia, diz ele (FREUD, 2014b). Assim, para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia que vai se manifestar repetidamente ao longo da vida exigindo do sujeito alguma maneira de lidar com a revivescência dessa experiência.

De qual desamparo estamos falando?

Voltamos a comentar que nos diferentes prismas de leitura em *Álbum de família* fomos capturados pela *Hilflosigkeit* freudiana (*Hilfe* = proteção ou amparo,

losig = falta ou ausência) que, em nossa proposição, está a grifar a estética dessa obra. Poderíamos ter elaborado nossa hipótese de trabalho ao redor de algum dos pilares da metapsicologia freudiana, pois, no *Álbum* de Nelson, vemos os representantes pulsionais expostos, o Inconsciente sem véus, o conteúdo recalçado que retorna e o luto pela falência do amor. Entretanto, em nossa *escuta* na leitura deste *corpus*, foi a *Hilflosigkeit* que mais ecoou. Questionamos então se é possível posicionar a *Hilflosigkeit* na metapsicologia freudiana.

Em “A dádiva e o outro”, Birman (1999, p. 11-2) propõe que o *conceito* metapsicológico de desamparo vai sendo construído ao longo do percurso freudiano para além da *palavra*. No trajeto freudiano quanto ao desamparo, a *palavra* seria precoce e o *conceito*, tardio. Enquanto aquela se contextualiza com as proposições formuladas no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, este se coloca como tributário da virada dos anos 20. Há duas possibilidades para apreciar o deslocamento da *palavra* ao *conceito*: como uma descontinuidade entre os momentos inicial e tardio da obra freudiana ou, então, que a presença da *palavra desamparo* em seus escritos iniciais estaria apontando para a presença incipiente de um *conceito* que mais tarde emergiria como tal. Este último olhar estaria a favor da continuidade entre *palavra* e *conceito*. Porém, os norteadores do texto de 1895 não são os mesmos a partir dos anos 20. As proposições no *Projeto* articulam-se com as elaboradas em *A interpretação dos sonhos* estruturando a primeira teoria pulsional e a primeira tópica freudiana. Porém, com a publicação de *Além do princípio do prazer*, em 1920, emerge uma segunda teoria pulsional, no âmbito da segunda tópica. Há uma ruptura. Explorando essas perspectivas, Birman recorre à metafísica, aos discursos biológicos freudianos e à perspectiva metapsicológica a partir desses fatores.

Quanto à metafísica, Freud inicialmente atribuiu à vida a origem do ser, isto é, um vitalismo. A morte se opõe à vida levando à perda desse bem originário criando uma dinâmica de exterioridade entre vida e morte. Haveria então uma força vital característica do ser vivo e o funcionamento estaria garantido por regulações automáticas do funcionamento corporal. Aqui, a sexualidade teria destaque como força vital cuja homeostase viabilizaria relações entre os mundos

interno e externo, entre corpo e objeto, entre o sujeito e o outro, entre o psiquismo e o mundo (BIRMAN, 1999, p. 18).

Após os anos 20, Freud (2010) considera que não seria mais a vida, mas, sim, a morte que estaria nas origens do ser. A vida seria algo imperioso para contrapor-se à morte, uma aquisição e, não, algo originário do ser. Trata-se de um olhar mortalista. Não haveria mais uma relação de exterioridade entre vida e morte. Esta última estaria sempre lá, no interior da vida, roendo as potencialidades vitais. Embora Freud resgate aqui a insuficiência psicomotora do recém-nascido mencionada no *Projeto*, ele está considerando que a incapacidade originária para a vida indicaria um movimento primordial para a morte, como uma propensão originária do humano. Aqui está a importância do outro como garantidor da sobrevivência do recém-nascido possibilitando sua inscrição no registro da vida, impondo-se sobre a morte.

Entretanto, é na virada dos anos 20 que Freud (2010) propõe, em *Além do princípio do prazer*, uma nova metapsicologia introduzindo a pulsão de morte como força primeira, fundamental, que, além de promover a descarga total da excitação, coloca em xeque a ordem da vida. Neste sentido, o esvaziamento completo da energia promoveria a quietude do ser como perspectiva para um retorno ao estado inorgânico e o princípio do prazer não seria originário, mas, sim, tributário de um movimento primordial (BIRMAN, 1999, p. 22). Birman então nos pergunta qual seria o lugar da ordem vital em uma natureza voltada para a morte nessa nova metapsicologia. A resposta está em Eros, a força que se contrapõe ao movimento para a morte. Eros está aqui associado à pulsão de vida em articulação com a metapsicologia inicial quando a pulsão sexual se identificava com a força vital. Eros seria a potência para a união contrapondo-se a Tanatos como força de dissolução. Para que ocorra tal operação que ressalta as forças vivas que lutam contra a morte há a necessidade de um outro, partícipe do processo pela nomeação da força pulsional e pela oferta de objetos de satisfação tornando-se indispensável para a construção de uma ordem vital. Assim, a vida não seria naturalmente inerente ao ser humano, mas, sim, garantida por um outro, como um dom ofertado. Ou seja, a constituição do sujeito se dá pelo trabalho de um outro. Podemos propor que, em seu percurso, o sujeito consegue desenvolver seus próprios recursos para manejar

suas excitações, relativizando sua dependência ao outro. Porém, como a força pulsional é constante e contínua, o sujeito se vê, muitas vezes, reconduzido ao estado de desamparo confirmando a necessidade de alguém que seja capaz de amá-lo. Aqui, atinge-se o cume da exploração acerca da emergência teórica do *conceito* de desamparo, constituído no final do percurso da metapsicologia freudiana, em articulação com a proposição da pulsão de morte (BIRMAN, 1999, p. 23).

Em “Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana”, Rocha (1999) elabora sua proposição trabalhando com os conceitos de Inconsciente e Angústia. O Inconsciente é um outro psíquico, uma instância que se constitui pela mediação de um outro com suas mensagens enigmáticas que no recém-nascido não conseguem ser traduzidas, mas que, mesmo assim, se inscrevem em seu psiquismo. É nesta perspectiva da relação primária com um outro como necessária para a sobrevivência que Freud articula a situação originária do desamparo ou *Hilflosigkeit*. Instaure-se então a necessidade absoluta de ser amado, experiência que irá se repetir ao longo da existência humana já que não se limita às necessidades biológicas para sobreviver, pois também aponta para a expectativa de receber o olhar obsequioso, o amor e o desejo do outro que, pela linguagem, o insere no mundo (ROCHA, 1999). Nesse processo, transparece uma falta fundamental que cuidado algum pode suprir, pois não há linguagem possível que consiga dizer a palavra definitiva sobre a verdade do ser.

A situação do desamparo originário é arquetípica, reproduz-se ao longo da vida e traz a marca da experiência primeva. Os traços inscritos no psiquismo por ocasião desta vivência — no nascimento — podem funcionar como um “apelo de sentido” e, só depois, se convertem em uma verdadeira experiência de vida. Assim, o desamparo “articula metapsicologicamente os elementos na gênese e na estrutura do Inconsciente.” Portanto, o desamparo tem um lugar de destaque na metapsicologia freudiana (ROCHA, 1999).

Quanto à angústia e sua articulação com o desamparo, Rocha nos lembra que Freud considera o trauma do nascimento uma *Urangst*, uma angústia originária como sendo uma vivência de separação imbricada com a experiência de

desamparo primordial e que irá ser revivida ao longo do percurso humano. Trata-se da *angústia do desamparo* que chancela o início de nossa existência e que tem a finitude como a única certeza de nossa condição. Com tais considerações, reitera-se que a experiência do desamparo tem seu lugar na metapsicologia freudiana por ser estruturante da subjetividade, requerendo a alteridade como uma possibilidade para lidar com tal vivência. O estado de desamparo é um grito dirigido ao outro com o qual contamos. “Quando o grito fica sem resposta, o desamparo se torna desespero” (ROCHA, 1999, p. 342).

Senhorinha, protagonista do *Álbum*, e Medeia são personagens que sofrem a ausência do outro que não lhes confiou o dom da vida. Jonas e Jasão inviabilizaram suas inscrições de pertencimento no mundo dos afetos. Senhorinha foi diariamente exposta à revivescência do desamparo. Medeia foi confrontada com esse abismo abruptamente. A magnitude dessas experiências as levou ao transbordamento da dor que as conduziu ao ponto-de-não-retorno no qual a ausência de recursos próprios as direcionou para um gesto último, em plena escuridão do desamparo, colocando em ato o que as palavras não conseguiram expressar. Seus gritos ficaram sem resposta. Seus abismos de desamparo se transformaram no horror do desespero, nas palavras de Rocha (1999).

O exílio dos afetos

Medeia e Senhorinha nos contam algo sobre a condição humana. Medeia nos fala sobre seu pai e o velocino, a pele da qual ele é o possuidor e que lhe atribui o poder régio. Medeia o destitui desse poder, retirando dele seu velocino e oferecendo tanto a pele do carneiro como a sua própria para Jasão em troca da promessa de amor. Ao deixar seu local de origem, ela se distanciou para embarcar em uma nova viagem atribuindo ao seu companheiro a posse de seu existir. Em seu percurso, entretanto, Medeia vai amargar a terrível sensação de desamparo ao ser abandonada por Jasão que se apaixona por Glauce — filha do Rei Creonte — e também ao ser expulsa, pelo próprio Rei, da terra que ela havia eleito como sua. Uma dupla perda de território, afetivo e geográfico, que impede a elaboração psíquica da experiência. Medeia não quer o poder. Sua fome é de amor. Em

resposta, Medeia mata os filhos, a filha de Creonte por quem Jasão se apaixonara e o próprio Creonte. Em seu desamparo, Medeia fere Jasão no que lhe é mais caro.

Nelson Rodrigues criou *Senhorinha*, que também nos conta sobre seu desamparo. Seu casamento com Jonas foi marcado pela depreciação. Jonas nunca escondeu seu desejo sexual pela filha, tampouco privou a esposa do escárnio, mantendo-a em um terrível lugar de exclusão. *Senhorinha* viveu o abandono diuturnamente com Jonas. As investidas extraconjugais de Jonas eram públicas e sustentadas pela cunhada Rute. Em seu sofrimento, *Senhorinha* envolve os filhos Edmundo e Nonô e os aniquila em sua subjetividade. Edmundo não consuma seu casamento com Heloísa pois vive em um estado de sedução mútua com *Senhorinha* e Nonô sucumbe ao apelo incestuoso da mãe. Todavia, só *Senhorinha* sabe de sua dor. Ela demanda o amor de Jonas que, nunca obtido, torna-se a denúncia de seu desamparo. Indigente dos afetos, *Senhorinha* seguiu claudicante até o ápice da impossibilidade de elaboração anímica de sua dor. Seu percurso culminou com o assassinato de Jonas. Ela não vislumbrou outra saída para sua aflição.

Em suas trajetórias, *Senhorinha* como Medeia entraram em contato com a dolorosa solidão do abandono. No abismo do desamparo a aflição transborda, clama por sentido e, quando este não vem, a dor da *Hilflosigkeit* alcança um ponto-de-não-retorno. Vivendo o desamparo e a angústia, voltaram para momentos primevos de suas vidas.

O desamparo nas páginas de *Álbum de família*

Nelson era enciclopédico, diz Magaldi (2004, p. 184), e sua obra abre caminho para uma diversidade de leituras possíveis. Esta é condição que estrutura nossa proposição para *Senhorinha* acerca da revivescência do desamparo primevo, no sentido freudiano, como uma das possíveis chaves de leitura em *Álbum de família*. A seguir, destacamos alguns dos trechos que denunciam essa dor ao longo da obra. Já no primeiro ato há uma cena com Jonas, *Senhorinha* e Rute. Estão falando sobre uma menina engravidada por Jonas. A gravidez evolui mal. Ela está em trabalho de parto com risco de morrer. O diálogo corre sem censuras. As transgressões extraconjugais são expostas. Jonas declara sua excitação por

meninas, preferencialmente adolescentes, e expõe seu descaso com Senhorinha, colocando-a em um lugar de desabrigo.

D. SENHORINHA (*máxima sobriedade*) – Essa menina, Jonas...

JONAS – Que é que tem?

D. SENHORINHA (*dolorosa*) – Quase uma criança...

[...]

D. SENHORINHA[...] – Você acha que está certo?

JONAS ([...] *cólera contida*) – Acho. (RODRIGUES, 2020, p. 22-4)

Jonas segue desqualificando Senhorinha.

JONAS [...]– Gosto de menina sem-vergonha. [...] De 14, 15 anos.

[...]

JONAS – quero a neta do velho [...] HOJE! (RODRIGUES, 2020, p. 31)

Ainda no mesmo ato sai do quarto uma moça. Jonas sai pela mesma porta:

(*Entra d. Senhorinha com a sua bonita tristeza.*)

[...]

JONAS (*canalha*) – [...] viu a menina?

D. SENHORINHA – Sem querer, de passagem.

JONAS – Mais interessante que você. (RODRIGUES, 2020, p. 44-5)

Senhorinha percorreu a trilha do abandono ocupando o espaço inóspito do desamparo no qual se atualizaram suas experiências primevas. Na última cena do último ato Jonas e Senhorinha têm um diálogo dilacerante. Seguem alguns trechos.

D. SENHORINHA (*com voz perfeitamente neutra*) – Jonas, não suporto mais você.

[...]

D. SENHORINHA (*serena*) – Não vivo mais com você, Jonas!

[...]

D. SENHORINHA (*áspera*) – Você quer-me ouvir ou não?

[...]

D. SENHORINHA (*agressiva*) – Jonas!

JONAS (*despertando*) – Que foi?

D. SENHORINHA (*seca*) – Vou deixar você.

JONAS (*numa compreensão difícil*) – Vai me deixar? (*violento*)
Deixe, ora essa! Quem está lhe impedindo? A você, eu só devo a filha! (RODRIGUES, 2020, p. 136-7)

O diálogo segue. Jonas sobe o tom e a tensão aumenta. Não há o que dissimular:

JONAS – [...] olhei para você; vi que você não era mais nada para mim, coisa nenhuma. Até a nossa cama parecia outra, não a

mesma [...] uma cama estranha, desconhecida – INIMIGA! Foi dali que comecei a te odiar, porque não te desejava mais [...] (RODRIGUES, 2020, p. 142)

No final, Jonas fala da filha, aprisionando Senhorinha no desamparo amoroso:

JONAS [...] – Minha filha morreu. (*lento*) PARA MIM ACABOU-SE O DESEJO NO MUNDO!

D. SENHORINHA (*insultante*) – Se você soubesse o nojo que eu sempre tive de você [...]

[..]

JONAS – [...] Por que não me matou e por que não me mata agora? (*Aproxima-se de d. Senhorinha, que recua apavorada.*)

JONAS – Quer? eu deixo! [...] é só você apertar o gatilho... (*Tira o revólver [...] D. Senhorinha está apavorada.*)

D. SENHORINHA – Não, Jonas, não!

JONAS – Toma! Segura!

(D. Senhorinha aceita [...] mas é como se a arma lhe desse náusea.)

JONAS (*gritando*) – Agora, atira! (*fora de si*) [...] – está com medo? (*D. Senhorinha não se resolve, tomada de terror. Mas ouve-se, então, o grito de Nonô, como um apelo.*)

D. SENHORINHA – Nonô me chama – vou para sempre.

(*D. Senhorinha puxa o gatilho duas vezes; Jonas é atingido. Cai mortalmente ferido.*)

JONAS ([...] *último arquejo*) – Glória! (RODRIGUES, 2020, p. 143-6)

Essa foi Senhorinha. No último instante, o nome que Jonas chamou não foi o seu.

Comentários finais

Em 1927, em *O futuro de uma ilusão*, Freud (2014c) propõe que a força da natureza e a crueldade do destino desafiam o controle humano podendo colocar a vida em risco. Trata-se de uma situação que remete ao desamparo primevo e possui um protótipo infantil quando, ao mesmo tempo que tínhamos nossos pais, ansiávamos por sua proteção ou então buscávamos o abrigo dos deuses que interviriam com milagres. Surge, então, a necessidade que tem o homem de lidar, ele mesmo, com seu desamparo, o que se articula com a formação da religião. Foi a presença do desamparo na infância que despertou a necessidade de proteção através do amor, diz Freud nas páginas finais.

Na cena final de *Medeia* há um coro que diz que Zeus tem o poder de determinar o rumo de vários acontecimentos de tal forma que o que se esperava não acontece e fica franqueado um caminho que inicialmente não estava previsto (EURÍPEDES, 2011). Curiosamente, na cena final de *Álbum de família* há também um coro que pede, em uma prece, que o Senhor guarde os servos que esperam a salvação livrando-os de todos os males, inclusive do inferno, como se deu com Henoc e Elias (RODRIGUES, 2020), as únicas duas pessoas que Deus levou ao céu sem morrerem. Henoc desapareceu pois Deus o levou e Elias subiu ao céu em uma carruagem com cavalos de fogo. Medeia deixa a cena na carruagem do deus Sol e não há qualquer referência a punições impostas a ela pelos deuses. Após matar Jonas, Senhorinha some da cena. Não há registro de sua condenação pela lei humana tampouco condenação pela justiça divina. Ousamos propor que tanto Zeus quanto Deus tenham, em sua misericórdia divina, sido capazes de acolher Senhorinha e Medeia em seu sofrimento decorrente da experiência do desamparo primevo revivido oferecendo a elas o perdão pelo desatino que cometeram, amparando-as tanto na terra quanto na eternidade, ao seu lado.

Referências bibliográficas

BIRMAN, Joel. “A dádiva e o outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano”, *Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2. p. 9-30, 1999.

EURÍPEDES. *Medeia*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

FREUD, Sigmund. “A angústia.” *In: Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 13, 2014a, p. 519-544.

_____. *A interpretação dos sonhos*. *In: Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 04, 2019.

_____. *Além do princípio do prazer*. *In: Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 14, 2010, p. 161-239.

_____. *Inibição, sintoma e angústia*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 17, 2014b, p. 13-123.

_____. *O futuro de uma ilusão*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 17, 2014c, p. 231-301.

_____. *O inconsciente*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 12, 2010, p. 99-150.

_____. *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia*. In: *Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. 3, 1996, p. 93-122.

MAGALDI, Sabato. *Teatro da obsessão: Nelson Rodrigues*. São Paulo: Global, 2004.

NOËL, Jean Bellemin. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Cultrix, 1983.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. *Confluências: crítica literária e psicanálise*. São Paulo: Edusp, 1995.

ROCHA, Zeferino. “Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana”, *Síntese*, Belo Horizonte, v. 26, n. 86. p. 331-346, 1999.

RODRIGUES, Nelson. *Álbum de família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

RODRIGUES, Sônia (org.). *Nelson Rodrigues por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

José Luiz Cordeiro Dias Tavares Possui graduação em Medicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1977), mestrado em Medicina pela Universidade Federal Fluminense (1987), doutorado em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (1991) e pós-doutorado Medicina pelo Imperial College of Science, Technology and Medicine, University of London (1995). Psicanalista formado pelo Centro de Estudos Psicanalíticos, São Paulo e Aperfeiçoamento em Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea pelo Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo. Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com produção na área de aproximação entre Literatura e Psicanálise. Membro do Departamento de

116 | A MEDEIA DE NELSON: DESAMPARO FREUDIANO EM *ÁLBUM DE FAMÍLIA* DE NELSON RODRIGUES

Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, SP. Docente do Centro de Estudos Psicanalíticos, SP. Áreas de interesse: psicanálise, literatura e contemporaneidade com textos publicados em revistas e livros além de dissertação de mestrado sobre esta confluência de interesses. Coordenador do "Grupo de Trabalho Psicanálise e Literatura: Uma aproximação de saberes" no Instituto Sedes Sapientiae em São Paulo, SP e Coordenador do "Núcleo de Literatura, Linguagem e Psicanálise" no Centro de Estudos Psicanalíticos em São Paulo, SP. jltavares2016@gmail.com, Tel 11 9 85857298

Rua Bastos Pereira 171 Vila Nova Conceição cep 04507010 São Paulo, SP - Brasil

Elizabeth da Penha Cardoso é Vice-coordenadora, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP (doutorado e mestrado). Bolsista Produtividade CNPq. Vice-líder do GP A voz escrita infantil e juvenil: práticas discursivas. Líder do GP Literatura de Ancestralidade Negra. Assessora da Secretaria Municipal de São Paulo atuando na formação continuada dos professores da rede em Estudos Literários, ministrando cursos e produzindo material de estudo. Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. Doutorado pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP. Foi bolsista de doutorado da Fapesp, com estágio na Universidade Estadual de Nova York, nos Estados Unidos, e na Universidade Complutense de Madrid, na Espanha. Mestrado em Comunicação pela ECA-USP e graduação em Jornalismo pela UNESP. Foi professora do curso de jornalismo na UNESP - Campus Bauru (SP) e de literatura na Fatea-Lorena (SP). É autora do livros *Feminilidade e transgressão? uma leitura da prosa de Lúcio Cardoso* (Humanitas/Fapesp, 2013) e *Literatura e Ensino* (Capes/Educ, 2018). Além de títulos de ficção: *Todo Mundo é Misturado* (ficção juvenil, Brinque Book, 2016) e *Tarcirurga Bartolomeu; Pluminha* (ficção infantil, Bamboozinho, 2017), *Depois de tudo tem uma vírgula* (romance, Editora Patuá 2021), com Prêmio Biblioteca Nacional. Tem interesse por Teoria do Romance e do Conto, Literatura Brasileira Contemporânea, Literatura Infantil e Juvenil, Literatura e Ensino, Literatura de Ancestralidade Negra. Com 46 publicações e 157 citações, o Índice H é 5.

E-mail: elizabethpenhacardoso@gmail.com, Tel 11 36708412

Rua Monte Alegre, 984 Perdizes cep 05014901 - São Paulo, SP - Brasil